

UCLA

Mester

Title

Medo, violência e regime estético em “Sítio” e “Em Sarajevo”, de Cláudia Roquette-Pinto

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/3078z3rv>

Journal

Mester, 50(0)

Author

Figuera Martínez, Valentina

Publication Date

2021

DOI

10.5070/M350050923

Copyright Information

Copyright 2021 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

MEDO, VIOLÊNCIA E REGIME ESTÉTICO EM “SÍTIO” E “EM SARAJEVO”, DE CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

Valentina Figuera Martínez

Universidade Federal de São Carlos

POÉTICAS POSSÍVEIS: UMA POESIA EM DESCONFORTO

No curso das últimas décadas, marcadas pelo fim de políticas de desenvolvimento social, a emergência de ideologias neoconservadoras, estagnação econômica e o aumento da violência em vários países do hemisfério ocidental, a noção do contemporâneo na poesia tem expandido o seu caráter lacunar e o experimentalismo formal, abrindo-se para uma retraditionalização caracterizada pela pluralidade de discursos e tendências. Percebe-se uma mudança associada a uma dinâmica social impulsionada pelo efeito do desenvolvimento tecnológico, as indústrias da informação globalizadas, que estimulam, num ciclo contraditório, a diversificação dos meios de produção e consumo cultural. As formas de produção, visibilidade, conceptualização e circulação da poesia hoje estão fortemente influenciadas pelo contexto digital e tecnológico.

Desde uma perspectiva mais ampla, ocorre também uma reorientação das artes, entendido como um esgotamento do paradigma moderno que permite a incorporação seletiva de alguns dos momentos

modernistas, como a demanda de autonomia, a crença no valor interrogativo de certas configurações de imagens e discursos, a vontade de articular estas configurações com a exploração da substância e a “significação da comunidade” (Laddaga 9). Essa transformação passou da experimentação vanguardista, onde se fundem uma abertura historicista, a consciência formal do poema como artefato linguístico e a devoração crítica da arte, para a construção de um discurso poético que dá outro sentido e peso à tradição, procurando se adentrar num campo de experimentação com formas e linguagens renovadas em relação às poéticas já existentes, especialmente no que se refere à poesia brasileira contemporânea.

Além da retraditionalização, a poesia brasileira hoje aborda a fragmentação da sociedade, com temáticas que incluem pobreza, marginalidade, desgaste da democracia e liberdades básicas, violência urbana, racismo, transfobia, tráfico de drogas e criminalidade. Iumna Simon nota uma rasura da referencialidade e ao mesmo tempo levanta questões sobre as razões pelas quais uma poética ancorada na dissolução referencial, quer agora contextualizar a referência como forma expressiva (154). Em *Um corpo negro* (2018), de Lubi Prates; *Parque das ruínas* (2018), de Marília Garcia; *O coice da égua* (2019), de Valeska Torres; e *07 notas sobre o apocalipse, ou, poemas para o fim do mundo* (2019), de Tatiana Nascimento, por mencionar algumas obras recentes que dialogam com a poética mordaz de Claudia Roquette-Pinto, a experimentação formal ganha terreno e se expõem algumas destas preocupações temáticas. Subjaz um “retorno ao real”, acompanhado de mediações estéticas de ordem expressiva, que provocam desconforto e espanto (Simon 154).

Partindo das reflexões de Giorgio Agamben, este artigo discute a configuração do medo e da violência como formas de manifestação de um sistema social suspenso e debilitado, por meio da análise dos poemas “Sítio” e “Em Sarajevo”, publicados em *Margem de manobra* (2005), de Claudia Roquette-Pinto (23). Articulam-se também reflexões sobre o regime estético das artes e a partilha do sensível, segundo o proposto por Jaques Rancière, visando mostrar a singularidade estética do discurso poético (18). Defende-se que ambos os poemas,

propostos para a análise porque problematizam com rigorosidade a manifestação da violência contra o corpo feminino e sujeitos periféricos, expõem o grotesco como princípio poético da beleza bizarra.

Claudia Roquette-Pinto, escritora carioca nascida em 1963, insere-se no grupo de autores que explora a experimentação poética permeada por experiências do seu contexto e da tradição. Formada em Tradução literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), dirigiu durante cinco anos o jornal cultural *Verve*. Possui sete livros publicados, *Os Dias Gagos* (Edição da autora, 1991), *Saxífraga* (Editora Salamandra, 1993), *Zona de Sombra* (Editora 7 letras, 1997), *Corola* (Ateliê Editorial, 2001 – Prêmio Jabuti de Poesia/2002), *Margem de manobra* (Editora Aeroplano, 2005), o livro infantil *Botoque e Jaguar: A origem do fogo* (2008, Língua geral) e *Entre o lobo e o cão* (Circuito, 2014). Em 2021 será lançado *Alma corsária & poemas do Rio* pela Editora 34. Vários dos seus poemas têm sido incluídos em antologias nacionais e internacionais, incluindo a *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21* (Publifolha, 2006), *Mais poesia hoje* (Editora 7 Letras, 2000), *Correspondencia Celeste - Nueva Poesía Brasileña (1960-2000)* (Ediciones Ardora, Madri, 2001), *Além do cânone* (Editora Tempo Brasileiro, 2004), *Nothing the Sun Could Not Explain - 20 Contemporary Brazilian Poets* (Sun and Moon Press, Los Angeles, 1997), entre outras.

A poeta causou surpresa entre a crítica após a publicação de *Margem de manobra* (2005) porque expandiu a poesia delicada, sinestésica, erótica e feminina que já vinha produzindo, porém, sem abrir mão completamente desses expedientes poéticos característicos da sua obra. Bem antes, com *Corola* (2000), o primeiro livro da autora que passou a tratar do medo e da violência por meio de dilemas perceptivos e sensoriais, o seu jardim imaginário mostrava indícios de tal ampliação, incorporando colagens ou enxertos de outros textos destacados em itálicos que evocam presença de outras vozes em vários dos poemas. Em *Consistência de Corola* (2009), Iumna Simon destaca que, a partir dessa obra, a poeta começou a praticar esse tipo de colagem de materiais arbitrários com a intenção de comentar (ou minar) a univocidade do fluxo lírico do poema pela intromissão de outras vozes

(218). De outro lado, não se pode deixar de pensar que, contrariamente ao que propõe Simon, e na esteira do que fazem, por exemplo, os poetas concretos, Roquette-Pinto assume a importância da leitura da tradição, tornando-a nova, em sentido poundiano.

Em *Margem de manobra* essa técnica se expande. A poeta acrescenta ao final do livro uma lista dos empréstimos de outros livros em itálicos, identificando as fontes de onde as extraiu, explicitando para os casos “onde foi possível” a origem dos trechos ou versos usados, dando a impressão de que são apenas esclarecimentos bibliográficos, quando, na verdade, do modo como são apresentados, problematiza a citação da tradição, por meio de recortes e colagens que surgem como “irrecuperáveis” (Compagnon 45). Finalista do Prêmio Portugal Telecom em 2006, *Margem de manobra* levanta questões sobre a violência social. Com efeito, esse plano traumático do real operará no livro estabelecendo uma relação com os demais planos – notadamente: o erotismo, o amor, a natureza, o metapoema – sob uma lógica de superposição e deslizamento.

Nas cinco obras de poesia lançadas por Cláudia Roquette-Pinto observa-se uma constante preocupação em retratar a forma como a poesia é descoberta e construída, ao mesmo tempo que se caracteriza pela apresentação de temas que tratam da vida em sociedade: uma poeta, cujas obras mencionam flores, folhagens, transposição de obras de arte ou referência a pintores (Marc Chagall, Paul Klee, Édouard Manet), impessoalismo, feminilidade, erotismo, violência, além da musicalidade muito forte¹.

De acordo com Simon, o que a poesia de Cláudia Roquette-Pinto vem experimentando é um padrão novo de resposta artística à experiência do presente, a partir de formas de mediação que não se subtraem aos aspectos destrutivos das transformações da vida urbana (163). Em *Margem de manobra*, a tendência apontada acima tem força maior, ao romper com a mescla de experimentações internacionais e nacionais, incluída a vanguardista, que caracterizava a sua poesia, para incorporar a experiência, sem abrir mão da introspectiva imagética característica da sua obra.

Prévio à análise poética, parece relevante salientar as diferenças e desigualdades sociais que produzem violência e medo no concreto, na esfera cotidiana comum, mas que também impactam a subjetividade e se apresentam como formas artísticas nos discursos poéticos. As considerações de Agamben e Rancière, por sua vez, emergem neste trabalho como subsídios para a construção de reflexões sobre as estéticas e maneiras de fazer, visibilizar e pensar as relações socioculturais.

DIFERENÇAS E DESIGUALDADES: BEBER DA FONTE DA REALIDADE

O Brasil da primeira década do século XXI iniciou um ciclo de transformações sociais importantes: a desigualdade diminuiu, comunidades negras e indígenas tiveram maior acesso às universidades públicas, uma nova geração cresceu com melhorias no acesso à tecnologia, mas as estruturas econômicas existentes desde o período colonial não foram alteradas significativamente, portanto, muitas dessas conquistas dissiparam-se com a restauração conservadora na América Latina.²

No plano interno, a violência urbana passou a se tornar cada vez mais cotidiana na esfera pública. Um governador comemora, como em uma partida de futebol, a execução por *sniper* do Bope de um homem com arma de brinquedo que sequestrou um ônibus na Ponte Rio-Niterói, no Rio de Janeiro.³ O atirador foi promovido. Um tiro certeiro. Um helicóptero águia da Polícia Militar joga uma granada na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro.⁴ Uma menina de oito anos tomou um tiro nas costas ao lado da avó dentro de um Kombi no Complexo do Alemão, na zona norte do Rio.⁵ E como essas, centenas de pessoas são mortas anualmente por agentes de segurança do Estado dentro de uma zona não-localizável de indiferença que não tem filtros de referência jurídica.⁶

No plano global, a violência social aumentou com o surgimento da pandemia e a sucessiva exposição do colapso de um modelo econômico que historicamente tem defendido cortes nos sistemas de saúde

pública, acentuando as desigualdades raciais, de classe e gênero. A reprodução de mecanismos de poder desiguais impacta de forma diferenciada a mulheres, migrantes, comunidades negras, dissidentes sexuais e indígenas. A obra de Claudia Roquette-Pinto vem acompanhando esses contextos sociais, tanto no âmbito nacional quanto internacional, produzindo uma poesia transbordante que acorda os sentidos desde o espanto da experiência comum.⁷

Giorgio Agamben reflete sobre a topologia implícita no paradoxo da soberania como recurso com poder legal de suspender a validade da lei, colocando-se legalmente fora desta (23). Em situações de caos, aplicar o controle requer medidas de exceção e o Estado, como entidade soberana com poder legal de suspender a validade da lei, declara que não há um fora de lei quando se está fora desta. A tese fundamental da investigação de Agamben é a de que “o próprio estado de exceção, como estrutura política fundamental, em nosso tempo, emerge mais ao primeiro plano e tende, por fim, a tornar-se regra” (27). No contexto atual, a exceção se constitui como regra devido a que o sistema social está tão debilitado e suspenso que não existem garantias mínimas de ordem. O que deveria ser extraordinário é legitimado como forma de exercício do “poder soberano”. A legitimação do homicídio, por exemplo, especialmente de pessoas negras, pobres e trans, como ocorre no Rio de Janeiro, ou as mortes em massa por conta do colapso dos sistemas de saúde pública no contexto de uma pandemia global, são mecanismos sistemáticos de exercício do poder que se tornam cotidianos para sustentar o caráter repressor do Estado.⁸

Se o Estado exerce a transgressão como norma, legitima-se o medo e a violência em resposta à falta de garantias mínimas de ordem jurídica. Essa realidade é representada na cotidianidade por meio de diferentes episódios transgressivos que acabam legitimando a estatização dos homicídios como ferramenta de controle social. O medo e a violência operam como dispositivos hegemônicos para normalizar cotidianamente práticas autoritárias e a violação de direitos, fundamentais, segundos as características sociais.

A poética de Claudia não está afastada dessas realidades. Em *Margem de manobra* há um esforço por continuar um expediente

poético que rasura a referencialidade conjugado com o desconforto pelo estado de exceção que se tornou regra, o qual se traduz numa construção discursiva abstrata que desenvolve o concreto da realidade cotidiana desde uma imagética introspectiva. A violência do plano real se conjuga com uma destacada musicalidade nos versos, uma forte exploração imagética e uma obscuridade semântica reforçada por metáforas e referências da natureza. Jaques Rancière reflete em *A partilha do sensível: estética e política* (2005) sobre os atos estéticos como configurações da experiência sensível enquanto cerne da política. Para o autor, é no terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada na utopia da emancipação e nas ilusões e desilusões da história. Assim, denomina “partilha do sensível”

o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e as partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha (15).

A partilha do sensível estrutura a forma como as artes podem ser percebidas e pensadas como tal e como formas de inscrição do sentido da comunidade. Essas formas definem como o texto poético “faz política”, qualquer que seja o propósito que a rege, o tipo de inserção social do artista, ou o modo como as formas artísticas refletem subjetividades. E a configuração dessas formas artísticas é definido por Rancière como “regime estético das artes”, conceito que manifesta a autonomia da arte e delimita as identidades de sua forma: “Regime estético das artes é aquele que identifica a arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes” (33). Como esse “comum partilhado” alimenta as partes exclusivas? Que formas estéticas pode adotar uma parte singular dentro desse sistema partilhado? Embora seja ousado projetar

certezas absolutas, não deixa de ser importante refletir sobre a retroalimentação entre o *comum partilhado* e as *partes exclusivas* e como, por sua vez, as práticas artísticas tomam forma, podem ser percebidas e pensadas como artes e como formas de inscrição do sentido da comunidade. O caminho de análise sobre os poemas a seguir pretende contribuir para refletir sobre estas questões dentro do contexto socio-cultural brasileiro.

A FORÇA DO SUBLIME NA VIOLÊNCIA INDETERMINADA

“Sítio” é o poema inaugural de *Margem de manobra* e um dos mais resenhados pela crítica desde a publicação do livro. Propõe um discurso menos intimista e mais aberto a uma consciência da realidade e do tempo presente.

Sítio

O morro está pegando fogo.
 O ar incômodo, grosso,
 faz do menor movimento um esforço,
 como andar sob outra atmosfera,
 entre panos úmidos, mudos, (5)
 num caldo sujo de claras em neve.
 Os carros, no viaduto,
 engatam sua centopéia:
 olhos acesos, suor de diesel,
 ruído motor, desespero surdo. (10)
 O sol devia estar se pondo, agora
 – mas como confirmar sua trajetória
 debaixo desta cúpula de pó,
 este céu invertido?
 Olhar o mar não faz nenhum consolo (15)
 (se ele é um cachorro imenso, trêmulo,
 vomitando uma espuma de bile,
 e vem acabar de morrer na nossa porta).
 Uma penugem antagonista

deitou nas folhas dos crisântemos (20)

e vai escurecendo, dia-a-dia,

os olhos das margaridas,

O coração das rosas.

De madrugada,

muda na caixa refrigerada, (25)

a carga de agulhas cai queimando

tímpanos, pálpebras:

O menino brincando na varanda.

Dizem que não percebeu.

De que outro modo poderia ainda (30)

Ter virado o rosto: “Pai!

acho que um bicho me mordeu!” assim

que a bala varou sua cabeça? (11).

O título do poema admite muitos significados, pode ser interpretado como um lugar físico definido, um terreno; ou um assalto, ataque e inclusive um estado de sítio, aspecto que propõe significações polivalentes. Não se trata só de apresentar um espaço urbano incendiado literal e figuradamente, mas também o peso da violência e do medo como eixos marcantes no discurso poético. O primeiro conjunto de versos remete a um clima de sufocação, a voz lírica apresenta figurações de uma cidade-mar agressiva, não estereotipada. Não é a percepção de uma cidade de cartão postal, equilibrada e fechada no irreal, mas trata-se de expor a sensação de um contexto urbano em panela de pressão que precisa constantemente liberar o vapor quente acumulado. Apresentam-se também referências domésticas e urbanas cotidianas vinculadas a um contexto de violência, em “como andar sob outra atmosfera, / entre panos úmidos, mudos, / num caldo sujo de claras em neve. / Os carros, no viaduto, / engatam sua centopéia: / olhos acesos, suor de diesel, / ruído motor, desespero surdo”, conjuntamente com rimas toantes com predomínio do “o” em “O **morro** está pegando **fogo**. / O ar incômodo, **grosso**, / faz do menor movimento um **esforço**,” que reforçam a ideia de sufoco e supressão.

A partir do décimo verso combinam-se elementos da natureza com sensações perturbantes que antagonizam o equilíbrio: um sol mal vislumbrado, o pó sufocante de um espaço urbano, um céu invertido,

um mar que não traz consolo, personificado como um cachorro trêmulo, folhas de crisântemos, margaridas e rosas em penumbra. Não se apresenta a imagem da “cidade maravilhosa”, mas um contexto de decadência urbana, uma urbe intoxicada vomitando espuma de bile, em combinação com elementos sublimes da natureza, por meio de uma linguagem metafórica e visualidade forte. Esta singularidade estética – nos termos de Rancière –, a de combinar o sublime com o antagonico por meio de uma escrita abstrata, marca bem essa “identidade fundamental dos contrários” que identifica o poema como uma peça autônoma. “O estado estético é pura suspensão, momento em que a forma é experimentada por si mesma. O momento de formação de uma humanidade específica” (34). Nesse sentido, a forma estética no poema, transmitir uma sensação de sufoco e afogamento através de uma escrita sinestésica e imagética, adota caráter próprio desde a configuração de uma experiência, induzindo novas formas de subjetividades políticas.

“Sítio” é um poema construído por incertezas, que se desnuda aos poucos por meio de um jogo de dissolução da referencialidade discursiva e ao mesmo tempo contextualização da realidade violenta. Esse discurso poético indeterminado, abstrato e algumas vezes ambíguo potencializa a violência concreta aplicada como norma jurídica, constituindo-se como singularidade estética dentro de um sistema de evidências coletivas que escancaram a violência de Estado⁹.

A violência urbana, que pertence ao plano explícito da realidade, é mostrada simbolicamente por meio de metáforas, anfíolas e construções imagéticas introspectivas que mostram um descontrole e rasuram a referência na linguagem poética, uma distinção do modo de ser sensível próprio do poema.

“Em Sarajevo”, o sétimo poema do livro, também apresenta procedimentos literários similares e é, junto a “Sítio”, um dos poemas mais lidos pela autora em *lives* transmitidas nas redes sociais e comentados pelo público nesses espaços virtuais.

Em Sarajevo
 Na primeira foto ela ri,
 selvagem,
 e se mistura às amigas.
 Um ano mais tarde,
 posa com as mãos no colo, (5)
 coluna reta,
 os pés cruzados pra trás.
 Por dentro do uniforme pressente
 uma mulher, a passos largos,
 galgando as ruas de grandes cidades (10)
 – quem sabe no exterior.
 Quando a vi, ali, distraída,
 na escada do ônibus escolar,
 nada me preparou para suas pernas abertas,
 no meio a flor dilacerada (15)
 repetindo, entre as coxas,
 o buraco da bala no peito:
 um *dois pontos* insólito (11)

O segundo poema a ser comentado apresenta um diálogo com a fotografia, inclusive notado por Aulus Martins em “Três disparos em Sarajevo: poesia, fotografia e violência em Cláudia Roquette-Pinto” (2018), destacando que se trata da tradução em linguagem verbal da imagem por meio da contemplação de fotos dos vestígios do conflito bélico em Sarajevo (405). Emerge uma voz lírica que observa imagens de uma mulher que, num primeiro momento, aparece feliz, com uma luz de leveza –nos termos de Ítalo Calvino (15)–, livre e acompanhada pela cumplicidade de amigas. Uma liberdade sem limites que penetra ao leitor desde a cosmovisão feminina e transmite estabilidade.

Um segundo momento insinua (junto com o título do poema) reminiscências da guerra civil em Bósnia-Herzegovina (1992-1995) – onde mais de 20.000 mulheres foram estupradas por conta do uso sistemático da violência sexual como arma de guerra –¹⁰, por meio da imagem de uma mulher rígida que posa e parece atravessar obstáculos indeterminados, talvez refugiada no exterior. A imagem de uma mulher que recorre ruas de grandes cidades desconhecidas, a certeza de

presentir e de ter vivido uma experiência sensível se misturam com um caminhar taciturno.

Já no terceiro momento emerge a ideia de guerra com mais força, com um eu lírico observador que descreve, por meio de uma escrita lacunar, metafórica e imagética, uma mulher despedaçada pela violência com uma estética construída com sutileza e introspecção: “nada me preparou para suas pernas abertas / no meio a flor dilacerada / repetindo, entre as coxas, / o buraco da bala no peito: / um *dois pontos* insólitos”, encerrando com um verso metapoético que dá maior peso à evocação da violência e do medo. Uma forma de construção da linguagem que deixa marcas e reminiscências de imagens potentes no leitor.

Segundo Jacques Leenhardt, a noção da violência é incerta, seu significado é flutuante pois alguns atos violentos são justificados em nome da “manutenção da ordem”. A violência nasce “onde não há acordos sobre regras e princípios, onde se apaga a ideia de corpo social, com tudo o que a metáfora orgânica implica na ordem do simbolismo da interdependência do direito e das liberdades, dos teres e dos deveres” (14). Em ambos os poemas, o tratamento estético da violência, da dor e do medo são apresentados de forma figurada, como se estivesse tentando expor a seqüela emocional e física de sobreviver o trauma que, no entanto, contrasta com o sublime da experiência poética. Não se nomeia diretamente, trata-se de uma violência indeterminada, mas se cultiva uma desrealização do referente que, ao mesmo tempo, figura pânico, aflição, sufoco e vulnerabilidade. Victor Hugo reflete sobre os contrastes na poesia antiga e moderna do grotesco e o sublime, e salienta que da união de ambos nasce o complexo e inesgotável gênio do moderno. O grotesco, representado através do medo e a violência nos poemas discutidos, pode potencializar o sublime, tornar-se um ponto de partida para realçar a poesia sensível.

Somente diremos aqui que, como objetivo junto do sublime, como meio de contraste, o grotesco é, segundo nossa opinião, a mais rica fonte que a natureza pode abrir à arte. (...) Esta beleza universal que a Antiguidade derramava solenemente sobre tudo não deixava de ser monótona; a mesma impressão sempre repetida, pode fatigar com o

tempo. O sublime sobre o sublime dificilmente produz um contraste, e tem-se necessidade de descansar sobre tudo, até do belo. Parece, ao contrário, que o grotesco é um tempo de parada, um termo de comparação, um ponto de partida, de onde nos elevamos para o belo com uma percepção mais fresca e mais excitada. (Hugo 31)

Nos poemas analisados, a violência (construída com uma linguagem abstrata, metafórica e sublime) é mais potente e penetra com maior dureza a subjetividade do leitor do que a violência descritiva, nominal e direta. A dissolução referencial dos procedimentos literários utilizados (anfíbulas, metáforas, ambiguidade semântica), embora dissipem a nomeação concreta, instigam ao leitor a construir e imaginar interiormente o horror do grotesco, experiência que permite evocar interpretações sem limites. A indeterminação discursiva deixa em aberto as possibilidades interpretativas, rompe com as certezas absolutas, mas também evoca a uma violência pungente, que não se circunscreve a um campo semântico específico. Uma “flor dilacerada” metaforiza uma imagem plural, belamente dolorosa, comovedora, que não se restringe a uma unicidade semântica e ao mesmo tempo evoca o horror, a desrealização, e o temor de maneira mordaz. O contato indireto com o disforme dá ao sublime dos poemas analisados maior peso, o tratamento desse grotesco introspectivo exalta o sublime da linguagem poética e expõe uma relação inextricável entre presença e ausência, estabilidade e instabilidade, efetividade e incerteza como constituintes de toda experiência de subjetivação. Construir uma experiência poética a partir da violência demanda não apenas uma penetração com a realidade comum do poder e a desigualdade, mas também uma lucidez e sensibilidade para plasmar o indizível, aquilo que, em palavras de Octavio Paz, “por natureza el lenguaje parece incapaz de decir” (121), tencionando o universo das referências e dos significados relativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de produção, visibilidade, conceptualização e circulação da poesia hoje estão influenciadas pelo surgimento de discursos renovados que permeiam a evolução de uma sociedade interconectada. O esgotamento do paradigma moderno permitiu acoplar alguns elementos renovados ao discurso poético contemporâneo, como a demanda de autonomia, o questionamento de uma verdade única e a ressignificação da tradição, explorando um campo de experimentação com formas e linguagens renovadas em relação às poéticas já existentes. Em “Sítio” e “Em Sarajevo” o medo e a violência surgem como formas de manifestação de um sistema social debilitado que carece de estruturas jurídicas sólidas.

O regime estético se traduz na configuração da indeterminação discursiva, do discurso poético lacunar e dissoluto para construir uma imagem não concreta da violência, porém, acaba sendo mais potente. Um mar intoxicado que vomita uma espuma de bile, uma penugem antagonista que obscurece as folhas das margaridas, representam uma realidade indizível. A morte, a violência e o medo são construídos com uma mediação estética introspectiva. E justamente porque é inominável precisa penetrar com mais potência na subjetividade, consolidar-se como forma de inscrição do sentido coletivo, refletindo esse comum partilhado ao qual se refere Rancière. “Essas formas definem a maneira como obras ou performances ‘fazem política’, quaisquer que sejam as intenções que as regem, os tipos de inserção social dos artistas ou o modo como as formas artísticas refletem estruturas ou movimentos sociais” (19). Diante da realidade de violência urbana e social que desborda a sociedade brasileira, surgem poéticas que apelam à sensibilidade para o surgimento de processos de transformação política, de reinvenção e reapropriação crítica de dispositivos estéticos que possibilitem a abertura da história desde uma perspectiva benjaminiana.

O grotesco de uma flor dilacerada é o ponto de partida para a elevação do belo. Uma mulher e sua intimidade mostram a guerra no corpo, um buraco da bala no peito, misturando um discurso do plano real e concreto, da referencialidade e da dor, com a poética do

sublime, da vulnerabilidade humana e da essência da natureza intata. Ambos os elementos, inda que contrários, se alimentam e potenciam entre si. A indeterminação sintática, como procedimento de mediação estética, potencia o impacto do medo e da violência no discurso poético, enquanto o grotesco construído na subjetividade e nos significados relativos eleva a beleza da condição humana.

- 1 Em 2009, Roquette-Pinto incursiona-se no universo da literatura infantil com uma lenda indígena que conta a história de Botoque, um curumim corajoso e inocente. O livro integra a coleção “Mãe Brasil”, da editora Língua Geral, junto a ilustrações de Apo Fousek. A obra mostra a riqueza dos contos indígenas, da cultura dos nossos povos ancestrais e dos encantos, perigos e mistérios da floresta. No último livro publicado pela escritora – *Entre lobo e cão* (2014) –, utiliza recortes e colagens, mesclados com uma linguagem poética que retrata a história de uma pintora que se apaixona por um homem muito mais jovem, negro, proletário. *Alma Corsária & Poemas do Rio* é o último livro da autora, a ser lançado em 2021 pela Editora 34.
- 2 Para ampliar sobre as políticas sociais e económicas implementadas na América Latina durante a primeira década do século XXI, ver “Conquistas e fracassos dos governos progressistas: elementos para o balanço de um ciclo político que se recusa a morrer”, disponível em: <https://elahp.com.br/1204-2/>.
- 3 Governador do Rio de Janeiro comemora morte de sequestrador por atirador de elite, Huffpost, 20 de agosto de 2019, disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/witzel-comemora-morte-sequestrador_br_5d5c06f1e4b05f62fbd59d85
- 4 Vídeo “Moradora da Cidade de Deus filma helicóptero da PM jogando granada na favela”, 20 de agosto de 2019, disponível em <https://revistaforum.com.br/brasil/video-moradora-da-cidade-de-deus-filma-helicoptero-da-pm-jogando-granada-na-favela/>.
- 5 “As lágrimas por Ágatha no Complexo do Alemão, onde crianças se habituaram a fugir de tiros”, 20 de setembro de 2019, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/22/politica/1569186636_712007.html.
- 6 Entre janeiro e outubro de 2019, 1.546 pessoas foram mortas por agentes de segurança do Estado do Rio de Janeiro, segundo cifras do Instituto de Segurança Pública (ISP), disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/25/rio-de-janeiro-o-maior-numero-de-mortes-cometidas-por-policiais-na-historia.htm>.
- 7 Nas suas redes sociais e em declarações públicas em eventos literários, a autora mostra constantemente engajamento sobre as realidades sociais que produzem violência e desigualdades, preocupações que se manifestam também em vários poemas ao longo da sua obra. Para uma leitura recente que nota estas inquietações, ver “A solidão entre o excesso e a síntese: sobre um poema inédito de Claudia Roquette-Pinto”, de Diana Junkes, publicado na

coluna “Musa militante” da Revista Cult digital, <https://revistacult.uol.com.br/home/solidao-excesso-sintese-poema-claudia-roquette-pinto/>

- 8 Continua Agamben: “A exceção soberana (como zona de indiferença entre natureza e direito) é a pressuposição da referência jurídica na forma de sua suspensão. Em toda norma que comanda ou veta alguma coisa (por exemplo, na norma que veta o homicídio) está inscrita, como exceção pressuposta, a figura pública e insancionável do caso jurídico que, no caso normal, efetiva a sua transgressão (no exemplo, a morte de um homem não como violência natural, mas como violência soberana no estado de exceção)” (27).
- 9 A esse respeito, Simon destaca que “Cláudia Roquette-Pinto não se furta à dureza dos fatos, interessada que está no estudo do medo como matéria de uma poesia que tenha pertinência para o seu tempo. Está interessada em figurar o império de uma violência indeterminada e disseminada que molda o ritmo do cotidiano, colonizando a cidade, deturpando o sistema emocional de seus habitantes. Tudo é neuróticamente normal nesse sofrimento recolhido em meio ao caos – é um ângulo perplexo e rotinizado” (160).
- 10 Durante o conflito em Bósnia-Herzegovina a violência sexual foi utilizada sistematicamente como arma de guerra. A Resolução de Segurança 820 das Nações Unidas, de 17 de abril de 1993, revela que o uso do estupro foi “massivo, organizado e sistemático” no conflito. Embora as cifras exatas diferem, relatórios oficiais de comissões de Estado, da União Europeia e ONGs coincidem que entre 20.000 e 50.000 mulheres foram estupradas durante a guerra. Para ampliar, ver Inger SKJELSBÆK, “Victim and Survivor: Narrated Social Identities of Women Who Experienced Rape During the War in Bosnia-Herzegovina” (2006), disponível em: <https://www.usip.org/sites/default/files/missing-peace/Inger-Skjelsbaek.pdf>.

OBRAS CITADAS

130

Agamben, Giorgio. *Homo sacer: O poder soberano e a vida nua*. 1995. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

Calvino, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 1985. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- Campos, Haroldo. "Da razão antropofágica: Diálogo e diferença na cultura brasileira." *Metalinguagem & outras metas*. 1992. Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Compagnon, Antoine. *O Trabalho da citação*. 1979. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- Hugo, Victor. *Do grotesco e do sublime. Tradução do "Prefácio de Cromwell"*. 1827. Tradução de Celia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- Ladagga, Reinaldo. *Estética de la emergencia. La formación de otra cultura de las artes*. 2006. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2006.
- Leenhardt, Jacques. "O que se pode dizer da violência?". *Violência e literatura*. 1990. Ronaldo Lima Lins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- Martins, Aulus. "Três disparos em Sarajevo: Poesia, fotografia e violência em Cláudia Roquette-Pinto". *Signótica* 30 (2018): 404-416, <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/50288>. Último acesso em 2 de dezembro de 2019.
- ONU. "Resolution 820 (1993) adopted by the Security Council at its 3200th meeting, on April 17, 1993", <https://digitallibrary.un.org/record/165323?ln=es>. Último acesso em 18 de janeiro 2020.
- Paz, Octavio. *El arco y la lira*. 1956. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- Pound, Ezra. *ABC da literatura*. 1934. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2008.
- Rancière, Jaques. *A partilha do sensível: estética e política*. 2000. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.
- Roquette-Pinto, Claudia. *Margem de manobra*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2005.
- Simon, Iumna. "Situação de "Sítio"". *Estudos Avançados* 29 (2008): 335-351. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/104968>. Acesso em 25 de novembro 2019.
- , e Dantas, Vinicius. "Consistência de Corola". *Novos Estudos* 85 (2009): 215-235. <https://www.scielo.br/j/nec/a/TFhrSZMg85R3sdVRt8Kdngn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 25 de setembro 2019.

Skjelsbæk, Inger. "Victim and Survivor: Narrated Social Identities of Women Who Experienced Rape During the War in Bosnia-Herzegovina". *Feminism & Psychology* 16 (2006): 373-403, <https://www.usip.org/sites/default/files/missing-peace/Inger-Skjelsbaek.pdf>. Último acesso em 18 de janeiro 2020.